



Modelo Pedagógico

Ambientes de Aprendizagem

Propriedade de: _____

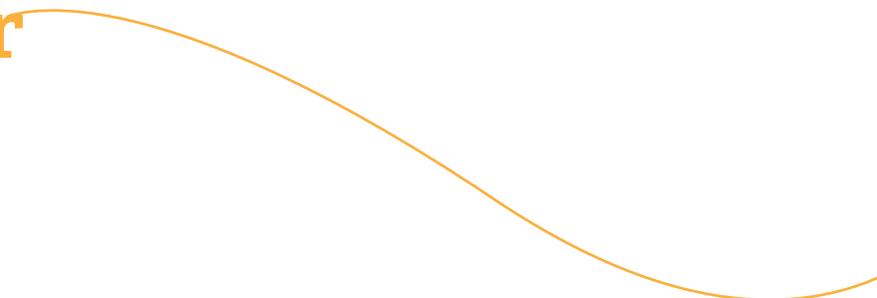
Data: _____

Anotações: _____

Modelo Pedagógico

Ambientes de Aprendizagem

Olá Educador



Neste Caderno você conhecerá os Ambientes de Aprendizagem da Escola da Escolha, suas implicações pedagógicas e dicas sobre como explorá-los. Iniciamos a conversa dialogando sobre o pátio e os corredores da Escola e detalhamos os seguintes temas:

- Espaços de convivência
- As Salas Temáticas
- Os Laboratórios
- A Biblioteca

Bom trabalho!

Os Espaços de Convivência

Introdução

Todo espaço é constitutivo de processos de subjetividade, não no sentido de uma identidade fixa, mas como uma complexa rede de enunciação em que se é convocado a um posicionamento e em que se age (Barbosa e Rodrigues, 2009). Por não existir atitude sem corpo, a relação com o espaço diz muito dos nossos valores e das escolhas que fazemos na vida. O espaço se organiza conforme a nossa percepção de mundo e, inversamente, interagir com o espaço, modificando-o, produz em nós percepções novas. É assim que qualquer mudança educacional significativa refletirá na postura física daquele que aprendeu. A mera disposição das carteiras de forma circular, em vez das

típicas fileiras das salas de aula, por exemplo, produz nos estudantes e professores a percepção de que se tornaram outras pessoas, pois outras são as possibilidades de relação. A formação humana não se restringe a enunciados intelectuais pois **aprende-se com o corpo todo!** Existe, pois, uma “arquitetura da pedagogia”.

Refletir sobre espaços de convivência no contexto escolar implica levar em conta o modo como as abordagens pedagógicas se distribuem no espaço interno da escola e o modo como ela se insere no entorno social. A escola dialoga com o espaço que ocupa na sociedade como equipamento de educação e cultura.

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA COMO CRIAÇÃO DE UM *ETHOS* NO CONTEXTO ESCOLAR

Uma pesquisa rápida sobre espaços de convivência em contextos escolares evidencia um foco na normatização e na criação de regras de convivência. Não como competências básicas que assegurem a sociabilidade saudável necessárias em qualquer espaço, mas como algo enfático em primeiro plano, como se ao se chamar a comunidade escolar para refletir sobre o uso do espaço, o que surge primeiramente não é a sua melhor utilização, mas uma oportunidade de inculcar normas e regras de convivência. Isso resulta, em última instância, em uma configuração prévia e condicionante das relações escolares, dificultando precisamente a elaboração de usos criativos e inovadores desses espaços. Em vez da confiança na criatividade, foca-se na desconfiança controladora.

Aprende-se a conviver convivendo, e se é a escola o lugar por excelência de aprendizagem, o que importa é criar oportunidades de relações saudáveis que possam, no exercício educacional, ser capazes de criar coletivamente um *ethos* que expresse acima de tudo o pertencimento dos que ali interagem. No lugar de regras estabelecidas sem a possibilidade de diálogo, o principal é propiciar o usufruto dos espaços como abertura à criatividade, ao refinamento das interações, ao zelo pelos locais de convivência, ao encorajar um

investimento de afetos por parte das pessoas que ali convivem, tornando-os convidativos e abertos às expressões singulares. Em suma, um lugar onde se aprende a “ser” a partir das próprias descobertas do outro e com o outro.

Na vida adulta, não é necessária a estridência dos “sinais sonoros” convocando para compromissos. Importa, pois, questionar se faz sentido o uso de “sirenes” pontuando o início e o término das atividades escolares. Nesse sentido, cabe o questionamento: justifica-se tamanho barulho nos espaços sociais onde o que deveria vir para primeiro plano é o refinamento dos sentidos?

Quando alguém se dirige de um agrupamento a outro, quando se aproxima o horário dos compromissos, existe um movimento corpóreo típico, que sinaliza essa passagem. Pode ser uma palavra de despedida, um tique entre um recuo ou avanço do corpo, a indecisão entre reduzir ou apressar o passo, um retorno súbito para o interlocutor para proferir uma última palavra no último instante... Enfim, recursos mais ou menos refinados – a depender do grau de intimidade que se tem com os interlocutores e o grau de etiqueta aí esperado – que regulam as interações. Posto isso, é inevitável questionar se são justificáveis mecanismos como os sinais sonoros, cortando o fluxo das interações de modo brutal e verticalizado.

Do grego, “hábito”, “costume”. Cf. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: “Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres, etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região”.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA ESCOLARES

Muitas pessoas não frequentam equipamentos públicos de cultura – como, por exemplo, bibliotecas e centros culturais – por imaginarem que esses espaços não foram feitos para elas. Dar o primeiro passo para mudar esse conceito é parte da missão pedagógica da escola. Por outro lado, nesse mesmo contexto em que, muitas vezes, os estudantes esperam tão pouco – ou nada – das instituições de ensino, não “ousando” sequer sonhar com um mínimo alargamento de seus horizontes, com a projeção de si próprios no futuro, quando eles se deparam com uma escola de educação integral realmente transformadora, descobrindo que ali o foco é a valorização da vida de cada um, algo acontece. E esse “primeiro algo” que acontece é, precisamente, de natureza espacial: a escola se mostra um espaço novo, pensado nos mínimos detalhes para as aspirações dos estudantes, e isso refletirá em novas disponibilidades corpóreas para a aprendizagem.

É a partir dessa primeira disponibilidades corpórea que os estudantes serão chamados, na Escola da Escolha, desde o primeiro dia do ano letivo, à construção e às práticas em Protagonismo, porque serão recebidos para uma prática chamada “Acolhimento”. A escola se torna então **o lugar, por excelência, do gesto** e, como tal, precisa encorajar cada vez mais essas disponibilidades, valorizando os espaços de convivência como espaços abertos.

O que se quer estabelecer aqui é a **ampliação dos espaços de aprendizagem**, mesmo nos momentos em

que “não se está em aula”. Para muitas escolas, as salas de aula não são espaços exclusivos, nem privilegiados, de aprendizagem. A configuração das salas de aula (que pode se modificar continuamente, conforme as necessidades) vai depender das disponibilidades corpóreas e simbólicas, do nível de diálogo, de contato e de trocas que se quer propiciar. Esse mesmo critério pode, inclusive, implicar em abordagens pedagógicas fora dessas salas, para além dos espaços tradicionais de aprendizagem. Portanto, o que se pretende abordar aqui é a qualificação dos chamados “espaços de convivência”, entendidos como espaços usuais nos momentos de ócio na unidade escolar, isto é, aqueles momentos em que não se está “em aula”.

Nessa perspectiva, a Biblioteca aparece como um espaço muito especial. Isso porque, mesmo nas escolas em que a ênfase da docência incide sobre as salas de aula, a Biblioteca consegue conjugar “naturalmente”, em termos de importância, tanto os momentos em que se “está em aula” como os momentos em que “não se está”. É um território aberto e flexível de múltiplas passagens. Por essa razão – e pelos valores e recursos mobilizados pela promoção da leitura, como alteridade, hospitalidade, ludicidade, ócio criativo, etc. – a Biblioteca é uma forte aliada na qualificação dos espaços de convivência. Não impondo a leitura, mas utilizando esses espaços para a expressão e os gestos típicos das atividades da Biblioteca, oferecendo opções criativas e contan-

do sempre com o envolvimento dos estudantes para os momentos de ócio no contexto escolar.

Contudo, não se quer defender aqui que é preciso estar sempre “acontecendo alguma coisa”, deliberadamente, nesses espaços. Garantir também condições para o aconchego, para a solidão e para o silêncio, é extremamente importante para que os estudantes, que ficam o dia inteiro fora de casa e muitas vezes não têm essa possibilidade de trabalho interior no ambiente doméstico, possam ter seus momentos de devaneio tranquilo, de sonho, de pequenas trocas subjetivas em grupos reduzidos, elaborando suas percepções pessoais. Entre os estudantes, sempre vai haver aquele cantinho favorito de determinados grupos, ou mesmo de um único indivíduo. E tanto quanto os momentos de trocas coletivas entre todos os estudantes, esses pequenos agenciamentos e aconchegos mais restritos devem ser respeitados.

Onde, afinal, “estaria” isso que temos chamado de “espaços de convivência?”. Ora, esse local estaria em tudo aquilo que todas as escolas, pelo simples fato de serem um prédio escolar, já possuem: corredores, quadras, pátios, refeitórios, quiosques, antessalas, salas ociosas etc. E mesmo naquelas escolas em que, durante a elaboração do projeto arquitetônico, foram pensados espaços especialmente para essas interações em momentos de ócio, todos os outros espaços continuam a demandar investimentos criativos e afetivos como lugares de encontro que são. Importa muito que todo o projeto espacial da escola esteja à disposição das múltiplas intensidades possíveis propostas

pelos estudantes. Para tanto, é necessário que estejam abertos, ou seja, disponíveis para além dos aspectos meramente funcionais para os quais foram pensados, possíveis para outras disponibilidades e expressões corporais que ultrapassem as “típicas” posturas exigidas nas escolas.

Naturalmente, essa ampliação do uso dos espaços de convivência se refletirá para além do domínio do prédio escolar. Em uma relação de mútuos reflexos, o que se aprende dentro da escola se aplica também fora dela, e o que se aprende fora da escola pode também qualificá-la nas dimensões aqui tratadas. Esse é um fator que não pode ser desconsiderado, uma vez que põe em jogo a apropriação do direito ao usufruto de todos os espaços disponíveis na cidade – praças, teatros, centros culturais, bibliotecas etc. – e na demanda por políticas públicas para que se criem outros. Além disso, põe em questão em que medida as escolas podem contribuir para que outras pessoas da comunidade na qual elas se inserem usufruam dos seus equipamentos como bem culturais. E isso será possível de diferentes formas, como convidando as pessoas para os eventos escolares, possibilitando – por meio de funcionários disponíveis ou estudantes voluntários – a abertura da Biblioteca aos finais de semana, a concessão do uso da quadra às pessoas da comunidade, oferta de atividades recreativas para as crianças da “vizinhança”, oficinas de todos os tipos, ministradas por estudantes ou por pessoas da comunidade que queiram contribuir com seus talentos e múltiplas habilidades.

Com toda essa abertura necessária às demandas criativas da comunidade

escolar, novos espaços poderão ser criados ou reconfigurados, **de forma fixa ou provisória**. Por exemplo, a construção de um jardim, de uma horta, brinquedotecas, galerias para mostras diversas, ateliês para diferentes oficinas, acervos itinerantes, postos de

esclarecimentos sobre determinados assuntos do momento ou de utilidade pública, jogos, circulação de jornais escolares, fixação de quadros informativos, audições musicais, instalações e performances artísticas, projeções audiovisuais etc.

DICAS PARA OS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NA ESCOLA:

São inúmeros os estudos sobre a “arquitetura da pedagogia” com relação a estratégias, metodologias e tecnologias para a promoção do ensino e do aprendizado, dentre outros. Mas são restritos os estudos que tratam da influência da arquitetura na educação, de modo particular, a escola como ambiente arquitetônico e sua interferência no processo de aprendizagem e de desenvolvimento de pessoas, considerando a influência das estruturas espaciais sobre o comportamento humano.

Ainda que restritos, esses estudos indicam a existência de uma área que vem ganhando importância entre os educadores quando se analisa o processo educacional como um todo: **o bem-estar do estudante e sua relação com o ambiente escolar**. O papel do meio físico, da estrutura onde se dá o ensino, onde se processam as inúmeras interações, onde se convive e onde todos passam grande parte do seu tempo, fez surgir o que a literatura chama de Arquitetura Escolar.

Espaços coletivos são concebidos e edificados por meio do domínio do conhecimento técnico (da arquitetura, das engenharias) e nessa concepção há que se ter a responsabilidade de

Aqui consideramos apenas os ambientes que não foram tratados no Caderno Modelo Pedagógico: Metodologias de Êxito da Parte Diversificada do Currículo

considerar a imensa influência da escolha dos materiais, a natureza e as suas cores no comportamento humano.

A arquitetura tem a responsabilidade de construir esses espaços considerando que eles interferirão por gerações na vida das pessoas. E a pedagogia deve interagir para criar um ambiente estética e pedagogicamente agradável e estimulante para toda a comunidade escolar.

Os corredores, seus murais, painéis... e plantas!

As paredes destes ambientes devem abrigar murais e painéis que comunicam informações, campanhas, projetos e simultaneamente revela ideias e valores da escola, tornando ainda mais presente a escrita na rotina escolar. Os corredores são ambientes que, além de serem passagens e espaços de comunicação, aproximam as pessoas, favorecem a integração da comunidade e estimulam a

criação da própria identidade escolar. Nesse sentido, humanizá-los e torná-los agradáveis é fundamental. Para tanto, temos que **observar**:

- a altura onde são afixados os painéis e murais, tendo atenção com o tamanho das letras, a harmonia das imagens e das cores;
- atualizar periodicamente os informativos, avisos etc. Informação de interesse público com data vencida passa a mensagem de descuido com a comunicação e de desinteresse pelas pessoas;
- o mural na entrada da escola é um bom local para afixar um grande quadro com as imagens, os nomes e suas respectivas atribuições de todas as pessoas que compõem a equipe escolar;
- dispor vasos de plantas ao longo dos corredores nem sempre significa custo para o orçamento escolar. Pode-se promover uma grande campanha na escola para torná-la “verde” por meio da doação desde “estudantes, educadores e visitantes”, de vasos, sementes e mudas de fácil plantio. Além disso, as atividades de regar e podar são excelentes oportunidades para integrar a comunidade e responsabilizá-la pela manutenção da “vida verde” que foi concebida coletivamente;
- nos corredores também podem ser dispostos os armários (escaninhos) dos estudantes, organizados de maneira que não obstruam as passagens.

O estacionamento dos automóveis e bicicletas também!

Em geral, o estacionamento para automóveis prioriza professores, gestores, funcionários e visitantes, devendo reservar vagas para pessoas com deficiência e idosos, conforme legislação.

Mas é importante estimular a adoção

de outros recursos para mobilidade, a exemplo da bicicleta. Portanto, deve ser assegurada área para bicicletário.

Observar:

- o espaço destinado para a permanência dos automóveis não deve ser localizado próximo às janelas das salas de aula, para impedir tanto os ruídos como a criação de reflexo da luz nos pára-brisas, que ofuscarão os usuários das salas;
- algumas prefeituras disponibilizam bicicletários móveis em estrutura metálica, que podem ser destinados às escolas.

O jardim das plantas... e das pessoas!

A existência de jardim é altamente recomendável na escola e, se possível, também se deve criar uma área cultivável onde poderão ser desenvolvidos projetos de educação ambiental e de valorização da fauna e flora locais.

Observar:

- é necessário especificar o tipo de vegetação (trepadeira, hera, arbusto, sombreiro, flores, grama etc.), impedindo o cultivo de plantas cujas raízes possam, ao longo do tempo, danificar a estrutura predial ou que não ofereçam áreas sombreadas. Nesse caso, priorizar a indicação de plantas de fácil cultivo e que ofereçam demanda mínima em termos de rega, poda e adubação.

A sala dos professores

A sala dos professores tem a dupla função de servir de sala de estar e convivência dos professores durante os intervalos das aulas, bem como local para estudo deles próprios, preparação de aulas, avaliação de trabalhos e provas etc.

Observar:

- que a sua localização seja privilegiada em relação às salas de aula, favorecendo o acesso dos estudantes aos seus professores, além de ampliar as possibilidades de integração desses grupos;
- que seja um ambiente confortável, agradável, arejado, provido com condições para que as pessoas sejam estimuladas a conviver e também disponham da condição de estudar e de trabalhar juntos.

O refeitório é de todos

É o ambiente destinado ao consumo das refeições pelos estudantes, educadores e gestores. É também um espaço de convivência e de aprendizagem, devendo oferecer infraestrutura para que todos façam as refeições sentados.

Observar:

- no refeitório também se aprende. Ele deverá dispor de paredes para a colocação de murais, que divulgarão comunicações relativas à rotina de utilização do espaço e de outras de caráter pedagógico e que estimulem a natureza educativa desse ambiente, como as campanhas de bem estar e qualidade de vida, alimentação saudável, contra o desperdício de alimentos etc.;
- disponibilizar baldes com sacos plásticos para os resíduos das refeições, que serão depositados pelos usuários do refeitório;
- aderir aos depósitos para coleta seletiva de lixo é recomendável. Mas não adianta estimular os estudantes no refeitório se nas salas de aula e demais dependências da escola não for adotada a mesma prática.

A entrada da escola: A primeira impressão é a que fica

A entrada da escola, seus portões, muros e calçadas contam muito na hora de acolher alguém. E a escola é esse ambiente que acolhe para a vida que se processa a cada instante, em cada canto e em todos que nela habitam.

Observar:

- para que não existam resíduos de obras, lixo de qualquer natureza ou quaisquer outros objetos que não componham a “paisagem” da entrada da escola;
- é sempre uma boa estratégia manter pincel e balde de tinta disponíveis para eventualmente ter de “apagar” uma sujeira feita por alguém que não aprendeu ainda que não se deve sujar as paredes ou muros. Limpar imediatamente o que foi sujo, além de educar, passa uma mensagem positiva de cuidado e respeito pelo patrimônio;
- a recepção da escola é local de encontro e também de espera. Assegurar que existam assentos (cadeiras ou bancos) adequados para as pessoas que necessitam esperar pelo atendimento é importante. Disponibilizar um cesto com revistas, jornais e livros é uma excelente oportunidade para comunicar que ali todos são convidados a se manterem bem informados;
- os troféus, homenagens, premiações recebidas pela escola são motivo de orgulho e devem ser compartilhados. Uma vitrine para exposição colocada na recepção valoriza a conquista e a torna um prêmio de/para todos.

AS SALAS TEMÁTICAS

Afinal de contas, o que são as Salas Temáticas?

As Salas Temáticas representam uma ruptura no tradicional aproveitamento do espaço da sala de aula. São ambientes onde se realizam as aulas previstas no currículo escolar e deverão ser equipadas com recursos tecnológicos e ambientadas de acordo com a disciplina que abrigarão. Seu funcionamento é aquele em que o estudante é quem muda de sala conforme a aula, o que o impele a ter senso de responsabilidade e protagonismo com o fazer pedagógico.

Durante uma sessão de acompanhamento escolar, na reunião com os líderes de turmas e presidentes de Clubes, questionou-se o porquê da mudança de sonoridade da escola (de um ambiente agitado, nervoso e barulhento para um que revelava a presença e o movimento das pessoas, que ali estavam). Para um dos estudantes, o motivo havia sido a implantação das Salas Temáticas, que significava, no olhar dos estudantes, que o movimento agora era de ir à sala do professor e não de recebê-lo no seu espaço, movimento que pedia mais respeito e parceria com os mestres.

A organização das Salas Temáticas deve considerar a presença e as necessidades de estudantes com deficiência. O exemplo mais simples é quando há estudantes cegos. Nesse caso, é interessante que eles sejam informados caso haja mudanças de móveis, equipamentos ou objetos para que a troca não signifique obstáculos. Além disso, devem ser disponibilizados máquina de escrever em braille, sorobã e pranchas de comunicação suplementar. Na presença de alunos com autismo ou Síndrome de Asperger, vale consultar suas famílias ou terapeutas de apoio para saber como se portar frente às especificidades desses estudantes em ambientes que se reconfiguram rotineiramente. Esses são apenas alguns exemplos.

Recomenda-se que o próprio estudante com deficiência, em primeiro lugar, sua família e seus apoiadores (terapeutas, por exemplo) possam ser consultados nos casos em que a mudança possa gerar algum desconforto a ele. O importante é ressaltar que a presença de estudantes com deficiência não é um obstáculo para a implantação das Salas Temáticas. Ao contrário, eles se beneficiarão desse recurso, como os demais estudantes.

Porque implantar Salas Temáticas na escola?

A sala de aula é um dos locais onde se processa o ensino e a aprendizagem e, por consequência, de estabelecimento de relações de troca, de reciprocidade entre o educador e o educando. Nesse ambiente, todos estão juntos e são expostos igualmente aos mesmos estímulos educativos, seja pelas trocas realizadas ou pelos recursos disponíveis em seu ambiente.

Com as Salas Temáticas e a adequada utilização dos recursos, os estudantes terão mais estímulos por meio de um ambiente mais funcional, ajustado ao desenvolvimento das aulas e atrativo ao aprendizado.

Para os educadores, as Salas Temáticas possibilitam:

- a organização do próprio espaço alinhado aos conteúdos;
- a liberdade e diversificação de metodologias de ensino;
- a otimização do tempo pedagógico;
- a criação de um ambiente mais funcional, que dialoga por meio de recursos variados com a disciplina e/ou área de conhecimento que acomoda;
- a potencialização do tempo previsto de aula, já que os materiais/recursos tecnológicos estão previamente disponíveis;
- a observação de determinados comportamentos socioemocionais que estão sendo mobilizados nos alunos frente às demandas de autogestão e autorregulação.

Para os estudantes, a movimentação gerada pela troca de salas contribui para:

- o desenvolvimento da autorregulação do seu tempo;

- o cultivo do respeito pelo espaço público na circulação onde outros estejam realizando atividades que requerem silêncio e atenção;
- o uso cuidadoso do patrimônio escolar, tanto mobiliários quanto ambientes, que não se restringe ao da sua própria sala de aula;
- o desenvolvimento de senso de responsabilidade e de percepção de grupo;
- a potencialização de vivências de comportamentos socioemocionais, como autocontrole, perseverança, obstinação, entre outros.

SALAS TEMÁTICAS



As Salas Temáticas dão subsídios necessários à aprendizagem dos estudantes para a construção dos Projetos de Vida. São espaços coletivos e individuais para eles desenvolverem suas capacidades, intensificarem suas relações com a escola e seus recursos e desenvolverem autonomia de forma mais responsável, deixando de ser um receptor passivo, se tornando um ser construtor do seu próprio conhecimento.

E como são implantadas as Salas Temáticas na escola?

As salas deverão ser ambientadas com os recursos relacionados à respectiva disciplina. Cada professor, apoiado pela gestão escolar, deve caracterizar suas salas e solicitar outros materiais, de acordo com as suas especificidades e recomendações, conforme previsto nos Guias de Aprendizagem e Programas de Ação. A participação dos estudantes na caracterização das salas também possibilita maior integração e corresponsabilização no desenvolvimento da rotina das Salas Temáticas.

A implantação das Salas Temáticas deve ser feita no início do ano letivo, desde o primeiro dia de aula. É importante assegurar boa comunicação visual na escola, garantindo que os estudantes aprendam a circular adequadamente entre os ambientes.

Deverão ser afixados nas portas de cada sala os nomes dos seus respectivos ambientes (Sala de Matemática, Sala de Geografia etc.), seja por pintura, adesivo ou outro meio que comunique visualmente.

As Salas Temáticas devem permanecer abertas durante os intervalos, o que favorece a criação de um ambiente social mais respeitado e respeitoso pelos estudantes.

O aprendizado dessa dinâmica por toda a equipe escolar e estudantes é muito importante para assegurar o sucesso da sua implantação. As primeiras semanas de aula são fundamentais para iniciar a rotina que será vivida por todos a partir de então. Isso demandará a implantação de estratégias, a avaliação da sua efetividade e, se for o caso, a definição de outros recursos que envolvam os próprios estudantes.

A comunicação visual existente nas escolas deve ser compreendida por pessoas com todos os tipos de deficiência. Os quadros de avisos e placas de sinalização e orientação de usuários devem ter textos curtos, com letras grandes, acompanhados de símbolos e devem ser colocados no nível dos olhos de uma pessoa em cadeira de rodas. Devem ser instalados sinais de alerta com luz para avisar aos usuários surdos de eventuais emergências

(http://saci.org.br/pub/livro_educ_incl/redesaci_educ_incl.html)

A ambientação

É recomendável ambientar as salas com:

- quadros decorativos, calendários, mapas e figuras ilustrativas, que configurem estímulos visuais atraentes;
- relógio de parede;
- quadro branco;
- smart TV de pelo menos 50" com entrada para *pen drive*;
- aparelho de som com entrada para CD;
- aparelho de DVD;
- estante com acervo de referência da respectiva disciplina, como livros, revistas, dicionários etc.

- lápis de cor, giz de cera, tesouras, tubos de cola etc., além de armários para guardar esses materiais;
- ventiladores em quantidade suficiente para atender a todos;
- conjunto de estantes/armários (escaninhos) para revistas, dicionários e materiais de referência, que permanecerão na sala para atendimento imediato das necessidades dos estudantes;
- conjuntos de mesas e cadeiras para os estudantes.



OS LABORATÓRIOS DE CIÊNCIAS

Os laboratórios de Ciências são espaços escolares privilegiados para a experiência prática dos conhecimentos teóricos aprendidos pelos estudantes em sala de aula e para o desenvolvimento de competências fundamentais para a sua vida.

Introdução

A busca do desenvolvimento social com equidade tem sido um objetivo permanente das civilizações. Para se atingir essa visão, sabe-se hoje que existe uma série de pressupostos:

- Desenvolvimento Social pressupõe desenvolvimento econômico.
- Desenvolvimento Econômico pressupõe desenvolvimento tecnológico.
- Desenvolvimento Tecnológico pressupõe desenvolvimento do conhecimento.
- Desenvolvimento do Conhecimento pressupõe uma educação de qualidade.

Uma Educação Tecnológica de qualidade pressupõe o ensino das Ciências Naturais calcado em uma sólida base matemática, de forma que teoria e prática se complementem, e o estudante se estimule e se excite ao descobrir que entender os fenômenos da natureza é entender a própria essência da vida.

A beleza da ciência reside na ideia de que a certeza teórica deve ser abandonada para dar lugar ao que afirma o austro-húngaro Karl Popper, um dos grandes filósofos liberais da Ciência do Século XX: há um progresso que pode ser ultrapassado e que permanece incerto. Hoje, à luz de todas as descobertas produzidas pela humanidade, há de se concordar que “a história das ciências, como a de to-

das as ideias humanas, é uma história de sonhos irresponsáveis, de teimosias e de erros. Porém, a ciência é uma das raras atividades humanas, talvez a única, em que os erros são sistematicamente assinalados e, com o tempo, constantemente corrigidos”.

É evidente que as Ciências Naturais e o método científico contribuíram para o desenvolvimento dos múltiplos saberes da humanidade: mede-se, pesa-se e se analisa o Sol, avalia-se o número de partículas que constituem o universo, decifra-se a linguagem genética que informa e programa toda organização viva, domestica-se a energia nuclear e, assim, atingem-se progressos tecnológicos em todos os domínios da atividade humana. **A Ciência é esse esforço natural da condição humana e o cientista é a figura que pode ser educada em todos.**

É a tecnologia que hoje permite a comunicação entre indivíduos praticamente em tempo real, possibilita as múltiplas formas de entretenimento sem sair de casa, fornece o acesso rápido à informação acumulada pela humanidade no decorrer de toda sua história, oferece diagnósticos médicos cada vez mais precisos, aumentando a qualidade e a expectativa de vida das pessoas. Some-se a esse conjunto de

conquistas a comprovação de que os anos de escolaridade tecnológica de uma população são um dos principais definidores do seu PIB per capita.

A escola é o espaço que agrega o binômio ciência-formação, segundo a interação educador-estudante. A Escola da Escolha define estratégias para estimular no estudante e em seus professores a vontade de fazer ciência e felicitá-los pela oportunidade de poderem ser o sujeito nessa aventura de descortinamento do mundo por meio de seu exercício. Aprender Ciências significa, por um lado, aproximar-se das grandes linhas do pensamento científico e, por outro, desenvolver o pensamento lógico. É assim que se torna capaz de analisar uma situação, identificar aspectos relevantes e secundários e, dessa forma, elaborar uma explicação, descobrir implicações, estabelecer suas inter-relações, levantar hipóteses para, então, confirmá-las ou negá-las. Assim, as pessoas se tornam observadoras de fenômenos para poder reproduzi-los, traduzi-los sob a forma de equações matemáticas e, assim, identificar suas aplicações práticas.

Este material busca estimular nos professores de Ciências a convicção de que as práticas desenvolvidas nos laboratórios permitem uma ampliação do grau de compreensão do mundo que cerca o estudante no seu cotidiano, dando suporte conceitual e procedimental para enxergar o seu entorno e encontrar explicações. O estudante deve ser levado a entender que nas ciências não existem perguntas proibidas nem pessoas ou coisas acima de qualquer crítica ou isenta de questionamentos, mas buscas permanentes. A Ciência é o entendimento de que, nessa

área, as verdades são temporais.

Tais práticas são também uma oportunidade para a escola promover atividades e observar como os princípios pedagógicos do Modelo estão sendo movimentados no cotidiano escolar.

A Natureza Pedagógica dos Laboratórios de Ciências

Ao considerar a escola como um laboratório de ensino-aprendizagem, compreende-se que os Laboratórios de Ciências são potencialmente mais que recursos didáticos. São espaços privilegiados de ressignificação da experiência.

A importância da experimentação prática é inquestionável no ensino das Ciências e deve ocupar lugar destacado na sua condução. No entanto, o aspecto formativo das atividades práticas experimentais tem sido, de maneira geral, negligenciado ao caráter superficial, mecânico e repetitivo, em detrimento dos aprendizados teórico-práticos que se mostrem dinâmicos, processuais e significativos.

Dessa maneira, a formação de uma atitude científica está intimamente vinculada ao modo como se constrói o conhecimento. As práticas executadas nos laboratórios contribuem para o desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente fenômenos e como desenvolver soluções para problemas complexos. As aulas práticas de Ciências proporcionam espaços de vital importância para que o estudante seja atuante, construtor do próprio conhecimento, descobrindo que a Ciência é mais do que

aprendizagem de fatos.

Por sua característica interdisciplinar, no ensino de Ciências Naturais, a atividade experimental exerce importante papel na superação de problemas na educação científica fundamental, proporcionando desenvolvimento integral, dinâmico e globalizado, superando a visão de ciência compartimentalizada, estanque em relação a outros conhecimentos, dissociada, portanto, do mundo e da vida.

Ao lidar com o mundo científico nesta perspectiva, os laboratórios são espaços potenciais para o fomento e a visualização de como possíveis competências socioemocionais estão sendo desenvolvidas nos estudantes e pelos estudantes. É por meio da resolução de problemas científicos e de suas relações diretas com o mundo em que vive que cada um pode vislumbrar seu papel no mundo e aprender quais forças deverá movimentar para dar sua contribuição ao universo ao qual pertence.

Funcionamento dos Laboratórios

Os Laboratórios do Modelo Escola da Escolha dão suporte a três atividades principais:

Aulas experimentais com manipulação: Turmas teóricas em Biologia/Química e Física/Matemática: os experimentos do semestre são elaborados e os grupos se revezam a cada semana, completando, ao final, um conjunto previsto para o período, conforme o desenvolvimento teórico. Os estudantes realizam as experiências com base nas diretrizes existentes e elaboram um relatório que vale para a avaliação

global de cada disciplina. Além do relatório, outros elementos são considerados para a avaliação, como liderança, concentração, desenvolvimento das rotinas e obediência às regras de segurança.

Trabalhos em grupo: Nas atividades ligadas ao Protagonismo, há trabalhos especiais que usam o ambiente e os materiais do laboratório. Grupos de estudantes desenvolvem essas atividades sob a supervisão de professores e/ou monitores. Entre essas atividades, destacamos os grupos que fazem preparação específica para Olimpíadas de Matemática, Física, Química, Robótica e Astronomia.

Aulas experimentais de demonstração: Determinados equipamentos são adequados para aulas demonstrativas, preferencialmente realizadas nas Salas Temáticas, onde há uma ambientação que envolve o estudante e cria uma atmosfera específica para temas relativos à determinada disciplina.

As aulas de experimentação nos laboratórios são distribuídas na grade curricular dos estudantes, conforme definição local. Geralmente compõem um percentual da nota da disciplina (Biologia, Química, Física, Matemática, Ciências), como definido pela equipe escolar. São ministradas pelo professor da disciplina, antecedidas sempre de aulas teóricas sobre os conteúdos trabalhados.

O professor é responsável por planejar todas as atividades ou exercícios práticos, ajudando o estudante a estabelecer relações entre a teoria e os

experimentos. É necessário estabelecer rotinas metodológicas para integrar as atividades práticas aos conteúdos dados em sala de aula, como, por exemplo, integrar trabalhos de pesquisa em biblioteca, vídeos, filmes, estudo de caso, tarefas escritas, entre outros.

O trabalho no laboratório pode ser usado para demonstrar um fenômeno, ilustrar um princípio teórico, coletar dados, testar uma hipótese etc. O importante é que a prática leve os estudantes a descobertas de maneira cada vez mais autônomas e por meios diversificados.

Laboratório de Ciências e Projeto de Vida

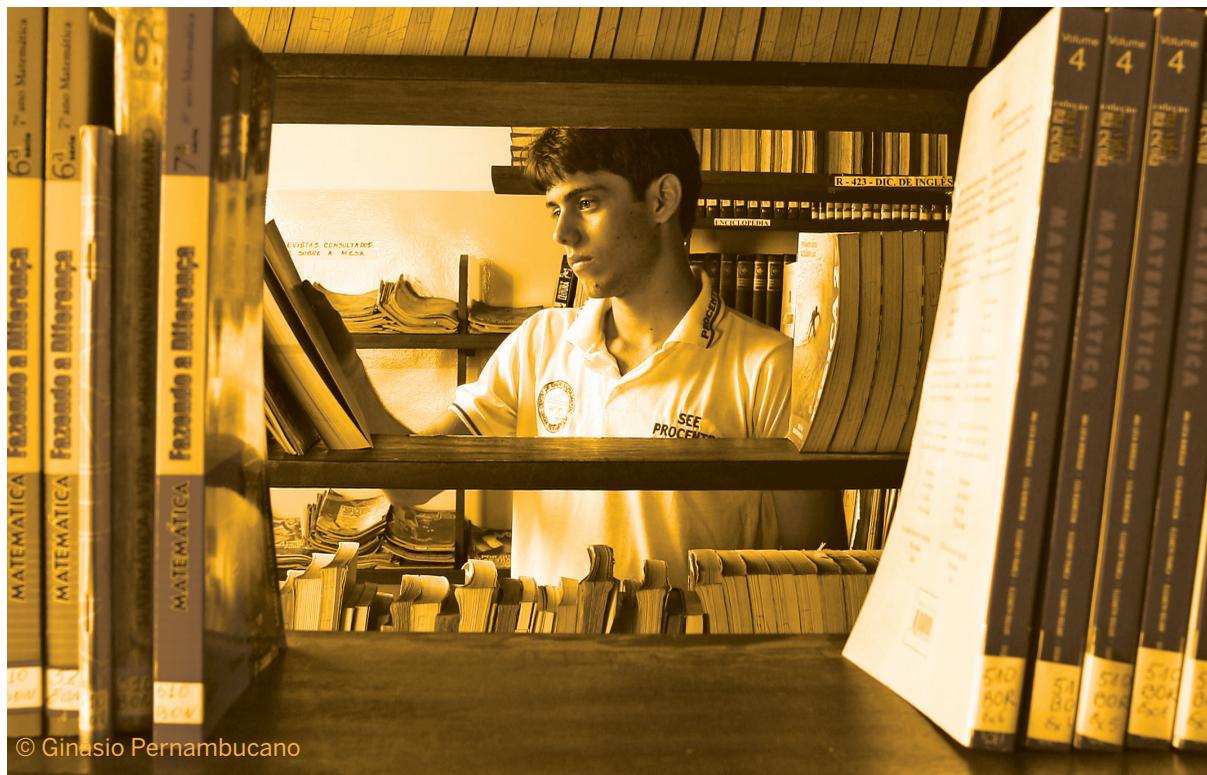
A associação com o Projeto de Vida se dá pela valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, do desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento, do estímulo à reflexão, do levantamento de hipóteses e da contextualização a partir da sua realidade e de seu cotidiano. Os laboratórios são espaços vitais para que o estudante vivencie e teste suas capacidades e seja construtor do seu conhecimento.

O QUE É?

- Experimentação como prática científica.
- União entre a teoria e a prática. Elo entre o abstrato das ideias e o concreto.
- Apoio à interdisciplinaridade e à transdisciplinaridade dos conteúdos.
- Resolução de situações-problema do cotidiano.
- Construção de conhecimentos e reflexão sobre diversos aspectos e suas inter-relações.
- Indissociabilidade entre teoria e prática.

O QUE NÃO É?

- As atividades práticas não são meras demonstrações.
- O centro das atenções não é o professor e sim o experimento.
- Justaposição de conteúdos.
- Resolução de problemas imaginários.
- Repetição dos conteúdos da aula "teórica".
- Teoria e prática desarticuladas.



A BIBLIOTECA DA ESCOLA

A Biblioteca da Escola e sua tarefa Pedagógica

A Biblioteca, por ser parte da escola, tem importância capital no processo de formação de todos os estudantes, sobretudo quando integrada ao conjunto de ações do projeto escolar. Dessa forma, promove a leitura para além do espaço-aula e se afirma como mediadora da construção do conhecimento, dando suporte à realização de pesquisas, estimulando a leitura, a escrita, a argumentação, a formação de repertório cultural, a interação dialógica, dentre outras competências. A Biblioteca se destaca, sobretudo, dada a amplitude de seu acervo e das diferentes mídias disponibilizadas, como uma articuladora de processos interdisciplinares de formação.

É nela que todos os estudantes se aprofundam nos temas do currículo escolar e conhecem outros assuntos correlatos a esse tema inicial, muitas vezes para além dos domínios da disciplina em que tal tema foi proposto.

Por meio de suas dinâmicas próprias, da conjugação de diferentes saberes de áreas diversas que se mobilizam simultaneamente no ato de pesquisa, a Biblioteca da escola exerce um papel fundamental na perspectiva dos Quatro Pilares da Educação, principalmente o “Aprender a Conhecer”. Mas por outras dinâmicas características desse equipamento, como a qualificação das

relações mediadas pelas atividades de leitura de maneira dialógica, estão também implicadas as dimensões do Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a ser. Nesta perspectiva de espaço/ação, a Biblioteca e seu acervo devem ser acessíveis a todos, considerando as especificidades dos estudantes com deficiência matriculados na unidade escolar.

Tendo isso em vista, a ampliação e diversificação dos instrumentos e das fontes de acesso à informação e ao conhecimento, bem como a multiplicidade de abordagens metodológicas, devem ser praticadas por todos os educadores que atuam no projeto escolar, dentre os quais o bibliotecário, junto a todo o alunado da escola.

Recomenda-se, pois:

Currículo – Sob a orientação da Coordenação Pedagógica, os professores devem estimular a leitura de textos diversos relacionados às especificidades de suas disciplinas.

Professores – Estimular o uso da Biblioteca Escolar pelos professores na condição de usuários, de maneira que seus estudantes possam identificá-los também como bons leitores.

Parceiros – Identificar, captar e manter parcerias com instituições que apoiem e desenvolvam práticas de incentivo à leitura e à escrita.

Como as nossas bibliotecas passarão a ser mais valorizadas neste século de conteúdo virtual?

Metodologias de promoção de leitura

A dimensão não cognitiva implicada nas práticas de leitura, sobretudo literárias, será abordada adiante.

- a) Desenvolver uma agenda de atividades de suporte ao projeto pedagógico da escola. Essa ação deve ser planejada em conjunto com os professores e a coordenação. As atividades de promoção da leitura devem envolver aspectos culturais e de aprendizagem. Existe uma ligação direta entre o nível de leitura e o desempenho escolar.
- b) Realizar eventos para ampliação, atualização e divulgação frequente das aquisições do acervo, tanto de livros, periódicos acadêmicos e científicos quanto de jornais, revistas, vídeos etc.
- c) Formar o bibliotecário para atuar em um ambiente que fomente a criação da cultura da leitura juntamente com todos os estudantes, articulando diferentes aspectos do repertório cultural.
- d) Criar ambientes confortáveis e adequados à leitura, de fácil acesso ao acervo.
- e) No caso de bibliotecários e demais funcionários da Biblioteca, participar das reuniões pedagógicas e dos eventos da escola, considerando sua atuação como educador.
- f) Desenvolver atividades específicas para os professores com o objetivo

de ampliar seu repertório literário. É importante que o professor valorize a Biblioteca e a torne sua aliada no fazer pedagógico, transformando-a em uma extensão da sala de aula.

g) Promover encontros lúdicos periódicos de promoção de leitura com pais e familiares de estudantes e funcionários da escola.

h) Orientar os estudantes na Pesquisa Escolar.

i) Considerar os estudantes com deficiência. É recomendável um serviço de orientação estimulante e adequado às necessidades dos diversos tipos de usuários, ampliação do prazo para devolução de títulos e outros mecanismos, como cartões autorizando outra pessoa que não o próprio estudante a retirar e devolver livros.

j) O bibliotecário precisa estabelecer um relacionamento estreito com os estudantes, com os professores, com os profissionais de apoio e demais funcionários e os pais ou responsáveis dos estudantes. É imprescindível que visite regularmente as salas de aula, divulgando as atividades da Biblioteca e que, ao longo da sua atuação, se torne um rosto amigável e conhecido na comunidade escolar, pois um dos princípios da Biblioteca é a de ser um lugar de hospitalidade.

A BIBLIOTECA DA ESCOLA E A PROMOÇÃO DA LEITURA

A convivência com livros de literatura em locais variados é essencial para a aproximação do leitor e para a desmistificação da Biblioteca como espaço privilegiado de “intelectuais”. Tornando-o um elemento rotineiro na vida das pessoas, objeto familiar e de pronto acesso, a Biblioteca se transforma em um ambiente acolhedor e verdadeiramente democrático. Ainda nessa perspectiva, é essencial definir espaços temporários em locais estratégicos na escola, em que os livros possam estar ao alcance imediato do leitor (incluindo, mais uma vez, as necessidades específicas dos estudantes com deficiência), estabelecendo assim que todo lugar é convidativo à leitura de todos, aumentando os pontos de contato de estudantes, professores, funcionários e familiares com esses objetos. Alguns desses pontos podem ser lúdicos e temáticos, valendo-se do elemento surpresa e de temas atuais, mas é importante também que outros desses pontos continuem sendo o que são: refeitório, pátio, banheiro, sala de professores, recepção, corredor etc., para que não se passe a impressão que o espaço do livro deva ter uma “aura especial”. É importante que se demonstre que lugar de livro é em todo lugar e que a sua mera presença é o bastante para qualificar os espaços, sem “enfeites” ou acessórios que venham a mistificá-lo.

Além de desenvolver atividades de promoção de leitura, é essencial organizar os livros de forma que os estudantes tenham fácil acesso a eles e

possam fazer uso da livre escolha, conforme seus interesses – que podem ser inúmeros, inclusive os aparentemente banais, como gosto pela capa ou interesse pelo título. Ao lerem obras de ficção e de não ficção que correspondam às suas necessidades, os estudantes são estimulados em seu processo de socialização e no desenvolvimento de sua identidade.

Contudo, é preciso também ter em conta que existe, sim, um aspecto nem um pouco simples na formação literária. Sendo o ato de ler um gesto social, a construção de uma cultura extremamente sutil e elaborada, nem tudo é uma questão só de gosto. Ou se é, pode ser problematizado: gosto é também algo que se ensina, se aprende, se modifica, se transmite, se problematiza, como qualquer outro construto social. Além disso, não gostar de certos autores não é o mesmo que não ser capaz de lê-los. Uma coisa é, provido de repertório razoável, o leitor preterir determinado autor. Outra coisa é preterir um autor por não ser capaz de apreendê-lo.

Para se formar repertório, no entanto, é necessário que se acesse o conteúdo dos livros para “além de sua capa”. A presença de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, assistentes de leitura ou leitores para cegos auxiliam na criação do vínculo entre o aluno com deficiência e o universo do livro e da Biblioteca Escolar.

PRÁTICAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA DA ESCOLA

Contação de histórias não é atividade de leitura

Não se trata de desqualificar a contação de histórias, cuja importância é indiscutível desde os primórdios da história humana – prática por meio da qual, aliás, nos humanizamos. Também não se trata de sugerir que os projetos de contação de história não podem ser realizados na Biblioteca e que devem ser *substituídos* por atividades de leitura. A intenção aqui é apenas diferenciar essas duas práticas, justamente para que a confusão entre ambas não resulte na preterição daquela considerada mais difícil, que é a prática de ler.

Contar histórias é uma prática antiquíssima e eficaz para fortalecer e perpetuar a cultura, por meio da transmissão de valores éticos ou morais, de técnicas essenciais à manutenção da comunidade, dos vínculos, dos ritos de passagem inerentes aos ciclos da vida etc. Passadas de geração para geração, de “boca em boca”, se ajustam e se transformam conforme as necessidades do momento e do contexto. Como a palavra também cura – pode alegrar, comover, acalantar, entreter, fazer rir, consolar, enfim, ser condutora de múltiplos afetos – contar histórias tem muito de improviso e adaptação ao contexto e à função a que se destina, dependendo muito da impressão que se quer imprimir na alma daquele que ouve. “Quem conta um conto aumenta um ponto”, e isso vale mesmo para as histórias escritas. No ato de contar, o material escrito não precisa estar presente, pois o que

interessa é o enredo, a narrativa. Sendo assim, além da própria voz, podemos usar recursos diversos, como fantoches, técnicas teatrais, caracterização de personagens, sonoplastia etc.

Já em se tratando de leitura, há uma mudança sutil, mas substancial. Ao ler-se um conto, não se muda nenhum ponto. Até porque a função da escrita é preservar não só a história, mas também a forma como ela está registrada. Na leitura está em questão o estilo do autor, o seu trabalho singular com a linguagem, em seu ritmo próprio, sua sonoridade, sua laboriosa construção imagética etc. A história do livro *Avalovara*, de Osman Lins, por exemplo, pode ser contado de inúmeras formas, mas só quando pronunciada da maneira exata como o autor a escreveu é que se estará em contato de fato com a obra. Quando a atividade é leitura, respeita-se cada ponto, cada vírgula e a inteireza de cada frase, mesmo quando o que se lê é apenas um fragmento da obra. É na forma como um texto é escrito que reside a estética literária, e está na singularidade dessa criação a potência de afetar o leitor pela linguagem.

Sessão de cinema não é atividade de leitura

Mesmo quando o filme em questão é baseado em uma obra literária, assistir a um filme não é a mesma coisa que

ler o livro. E aqui não está em questão se a obra original é menos ou mais interessante: simplesmente não podem ser comparadas, uma vez que são linguagens distintas. Ainda que o filme seja fidelíssimo ao livro, executado da forma mais exuberante, não é leitura e as linguagens continuam sendo distintas. Dada a especificidade da leitura literária desenvolvida acima, compreende-se que assistir a um filme não é garantia de que o livro seja mais acessível ao leitor, pois a experiência cinematográfica não é a mesma da literatura. Se, ao final do filme, o livro que o inspirou é sugerido aos alunos, trata-se, obviamente, de uma sugestão de leitura potencializada pelo filme, mas isso não significa que houve atividade de leitura. Pode ser, de forma algo remota, um ato de incentivo à leitura, mas a promoção de leitura só se efetiva por meio da experiência de ler.

Dois exemplos de atividade de leitura

1. Ler para os outros

“Nessa modalidade de leitura, embora o enredo da história seja o foco principal, uma vez que é o que sustenta a atenção do público diante do leitor, a forma como a história foi contada é igualmente relevante e cabe ao leitor respeitar cada palavra, do jeitinho que o autor a escreveu. Diferente da contação de histórias, que têm muito do improvisado e das invenções de quem conta, aqui o livro está presente e cada palavra, cada vírgula e cada ponto traz a marca, não de quem lê, mas do autor do texto. O leitor empresta o corpo ao texto do outro; o texto do outro se

apossa do corpo do leitor para atingir e fascinar o público.

Temos um bom exemplo. Qualquer um de nós pode dizer que, do alto de um voo de avião, as coisas aqui embaixo parecem tão minúsculas que um homem, um cavalo e um boi se tornam verdadeiras formiguinhas. Mas existe um outro jeito de dizer isso que só pode ser dito por Guimarães Rosa. Veja só esta pérola do conto ‘As margens da alegria’: ‘Se homens, meninos, cavalos e bois – assim insetos?’. (Adriano, 2014)

2. Ler com os outros

“Mediador e participantes se acomodam em círculo. A disposição em círculos é importante, pois aí não há espaço privilegiado, todos podem se ver mutuamente, numa posição favorável às trocas. Cada integrante recebe cópias do texto a ser utilizado (ou exemplares do livros, previamente selecionados pelo mediador). Um participante começa a ler um parágrafo em voz alta e passa a vez para o colega imediatamente próximo, para que leia o parágrafo seguinte, e assim por diante.

O mediador conduz as discussões, sugerindo, perguntando e, ao final da leitura, cada um é convidado a dizer o que mais o tocou, compartilhando as primeiras impressões com o grupo. Ressalte-se que, a qualquer momento, mesmo quando do andamento da leitura, há espaço para intervenções dos participantes, seja manifestando reação ao texto, seja levantando dúvidas. Todas as falas devem ser valorizadas, mesmo as aparentemente ‘ingênuas’; a função do mediador é estender ao máximo seus significados, articulando-as com elementos do texto. Os participantes devem ser estimulados e

Para que uma atividade como a proposta atenda estudantes sem e com deficiência, é imprescindível que os materiais gráficos distribuídos contemplem as especificidades e necessidades de todos os participantes. Assim, recursos como escrita ampliada, escrita em braille, presença de intérprete de Libras, livro ou texto adaptado com recursos de comunicação suplementar ou alternativa são fundamentais para que todos os estudantes sejam, de fato, envolvidos na ação.

encorajados à livre associação, a manifestar suas impressões sem receios; e o mediador tem o cuidado de articulá-las com aspectos que, paulatinamente, vão se ampliando.

Ao final de cada encontro, cada participante é convidado a dizer qual o aspecto da discussão ou do texto que mais o fez pensar. Geralmente este é um ponto surpreendente, pois questões já levantadas podem emergir com formulações totalmente novas, além de se poder lembrar o percurso que, partindo da leitura, fizemos até a formulação das ideias.

Ao final de cada encontro lemos um poema, repetidas vezes, em várias vozes e tons, para que se apreendam a sonoridade, o ritmo, a musicalidade... Além disso, um poema é fácil de memorizar, propõe pausas, sutilezas, respiros". (Ibidem)

Os exemplos acima visam a apenas reforçar o fato de que, se o que está em questão é a promoção de leitura, ler deve ser a prática central e não uma atividade superficial ou acessória. Sendo assim, a leitura aparece como o fazer em si. Caso essa atividade, por força da criatividade que desperta nos alunos,

resultar em teatro, música, contação de histórias etc. será uma consequência natural e não a finalidade ou suposto "ponto de chegada" que por ventura se pretende com o ato de ler.

Outro aspecto é que a promoção de leitura não deve estar sujeita a demandas quantitativas, mas sim qualitativas. O que se busca é a qualidade da leitura e da relação que se estabelece entre os leitores. Se é tarefa da escola e da Biblioteca ampliar o acesso e a fruição do patrimônio cultural humano, isso se dá de forma cuidadosa e em um tempo próprio em que as intensidades emergem – um tempo, pois, diferente dos artigos culturais de massa e da cultura de indústria. Não é a quantidade o dado primeiro, é a qualidade do que está sendo disponibilizado para leitura. Evidentemente, à medida que incorporam essa cultura leitora, as pessoas passam a ler mais – porém sempre esse "mais" se dará por vias qualitativas e não quantificáveis.

Naturalmente, as práticas de leitura não precisam – e nem devem – se dar de forma sisuda. Devem ser espaço de alegria, de reflexão, de introspecção, do riso, do choro, da ludicidade, do questionamento, enfim, de impressões múltiplas, no tempo próprio exigido pelos diferentes tipos de leitura.

Com isso, não se pretende descartar a leitura de "entretenimento puro", mas importa notar que as ações de entretenimento não requerem os esforços específicos da formação do leitor no sentido profundo e é por isso que não estão sendo levadas em conta aqui, quando o que se quer enfatizar são práticas pedagógicas transformadoras e focadas no Protagonismo e na autonomia plenos dos estudantes.

A BIBLIOTECA DA ESCOLA E O PROTAGONISMO: OUTRAS RELAÇÕES

Partindo do pressuposto de que não existe leitura sem Protagonismo, uma vez que o engajamento subjetivo é o que torna o ato de ler uma experiência de si no jogo de múltiplos afetos disparados pelo livro, percebe-se que a leitura em profundidade implica na elaboração de uma narrativa de si mesmo por parte de cada leitor. É pela perspectiva de uma narrativa da própria vida, uma recriação de significados e abertura de novas possibilidades de mundo, que a leitura é uma experiência fundante: uma reelaboração e reorganização constante do mundo, em um jogo de atualização e virtualização simultâneos.

“A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. (Candido, 2004, p. 177)

Essa é a principal razão por que a literatura costuma ser tão evocada em situações as mais adversas. Conta-se, por exemplo, que em 1940, a jovem Milena, amada do escritor Franz Kafka, foi enviada a um campo de concentração junto a uma amiga. Para resistir ao horror, ambas recorriam aos livros lidos muitos anos antes, mas que ainda traziam de alguma forma organizados na memória. Um dos textos mais rememorados por elas era “Nasce um homem”, de Maxim Gorki. A história de um jovem que ampara uma mulher grávida e faminta, foragida das misérias de seu vilarejo, que foi o universo habitado pelas

duas amigas durante o tempo em que estiveram confinadas. Ler tem muito de habitar mundos outros. Não como fuga da realidade, como geralmente se diz, mas como abertura de rotas possíveis em que, apesar das adversidades do presente, narramos a nós mesmos.

“A literatura é mais que diversão. O texto e a leitura literária se supõem irresponsáveis, mas não no sentido do esquecimento de si e dos problemas da vida para poder continuar vivendo-os naturalmente, mas no sentido de pensar para nada, pensar para ser, ler para ser, inventar para viver, ler para inventar, num movimento contínuo, sempre a estimular e a incomodar. Essa fantasia de que falava Bartolomeu Campos de Queirós. A fantasia de poder mentir e mentir-se e construir mundos fantásticos, e sofrer a dor e a alegria de ser outra, sendo eu mesmo. A fantasia de Queirós é pura contemplação. É esse gesto desinteressado que interessa quando falamos em direito à leitura: o direito de ser no mundo e de, sendo, fantasiar e fantasiar-se”. (Britto, 2012)

Leitores gostam de contar o que se passou consigo na experiência de leitura. São sedentos de alteridade e de

A biblioteca é lugar de livro, mas, acima de tudo, é lugar de gente. É o espaço por excelência de encontros que se qualificam e se intensificam pela leitura. Propiciar esses encontros para todos e estimulá-los frequentemente é o que caracteriza a Biblioteca como um dos mais nobres espaços de convivência.

encantamento do mundo. A Biblioteca como mediadora dessas relações é também um vetor de formação para a autonomia. É parte da cultura leitora, não só o ato de ler, mas o de trocar experiências de leitura ao mesmo tempo em que se fala de si e em que se ouve a narrativa do outro. Participar de comunidades de leitura, pessoalmente ou em ambientes virtuais, favorece a construção de pertencimento e Protagonismo, tão caros aos adolescentes. Quando incorporadas como cultura, essas sociabilidades sofisticadas, com todas as delicadezas que põem em jogo, regulam por si mesmas os encontros, uma vez que são inspiradoras da construção de um *ethos* na comunidade em que a Biblioteca está.

E se mais duas palavras ainda cabem sobre a ampliação das possibilidades de narrar que a leitura propicia:

O que é um Projeto de Vida senão a construção de uma narrativa de si?

O que é uma Biblioteca senão o espaço em que se qualifica e se encoraja para o Protagonismo?

A mediação de leitura e a leitura pública como Protagonismo

A leitura, quando efetivamente trabalhada, se multiplica. Se a condição primeira para se promover a leitura é ser leitor, crianças e adolescentes que leem são ótimos multiplicadores das práticas aprendidas na Biblioteca. Assim, adolescentes podem ler para os estudantes menores e os estudantes menores também podem ler para os adolescentes – não existe hierarquia nas relações entre leitores, trata-se de relações

horizontais, nas quais diferentes matizes de vozes se encontram e qualificam em intensidade essas relações.

E não se lê apenas para não leitores: leitores também gostam de ouvir os outros lerem, pois a leitura é uma forma de relação criativa. Nesta perspectiva, numa atividade inclusiva em que todos leiam, leitores com deficiência visual podem ler para leitores videntes e vice e versa.

As práticas de leitura podem extrapolar os espaços físicos da Biblioteca, se estendendo para diversas áreas de convivência da escola. Além disso, pode ser uma forma bastante hospitaleira de aproximação dos pais e familiares dos alunos. Ler para os pais é uma ótima forma de inseri-los, por meio de uma relação genuína, no espaço de aprendizagem dos filhos. A esse público podem se somar moradores da comunidade de todo o entorno escolar. Mostrar as diversas possibilidades de leitura (como braile ou em comunicação suplementar ou alternativa, ou, ainda, a presença de intérprete de Língua Brasileira de Sinais) pode ser um importante exercício de prática inclusiva cujo fim é a oferta de leitura.

Lê-se também para analfabetos, para idosos nos asilos, para pessoas hospitalizadas, para cegos não leitores e leitores, para pessoas que passeiam pelos parques, pelas praças, em rádios comunitárias... Lê-se para todo mundo.

Inúmeras atividades poderiam ser acrescentadas em suas múltiplas formas: sessões de leitura em voz alta, rodas de leitura, cantinho de leitura para bebês, leitura compartilhada, varal de livros, programas de incentivo às famílias para frequentar a Biblioteca... Organizar saraus e inseri-los

como parte permanente das programações culturais da escola também abre portas para diferentes formas de Protagonismo.

Privilegiam-se **ações de leitura** propriamente ditas, mas outras ações, voltadas para o fortalecimento da cultura leitora, podem e devem ser conduzidas: seminários, debates, workshops, oficinas etc.

Cumpra ainda salientar que, feitas as distinções entre leitura e contação de histórias, contar histórias é também uma atividade formidável para Bibliotecas e outras dependências da escola. Não se trata de trocar uma atividade pela outra, apenas ter em vista os seus aspectos próprios – razões pelas quais elas não se substituem.

Convidar autores para conversações na Biblioteca ou para ministrar oficinas de escrita criativa permite que os leitores percebam que escritores são pessoas como todo mundo. E com isso descobrem que todos podem usar a palavra para além da sua função meramente comunicativa. Nem todos serão escritores, e não é isso que está em questão, mas todos podem elaborar seus afetos em níveis criativos de escrita. Ao se apropriarem dessas outras possibilidades linguísticas, se apropriam de outras “experiências de si”, seja na prática secreta da escritura

de um diário ou de “rabiscos” aparentemente aleatórios nas páginas de uma agenda, seja na incursão em grupos de jovens escritores anônimos que proliferam nas mídias sociais...

Cumpra ainda observar que a Biblioteca, sendo esse espaço fabuloso de encontro com os outros e consigo mesmo, precisa propiciar tempo e condições adequados para os momentos de silêncio, às vezes de “solidão leitora” dos alunos, algo absolutamente necessário para o trabalho sofisticado da subjetividade. Em uma realidade como a brasileira, em que milhões de crianças e adolescentes não têm privacidade em casa, nem “direito ao silêncio” nas dinâmicas familiares, é forçoso que esse aspecto seja levado em conta. Assim, não só a Biblioteca, mas também outros espaços da escola, podem ser pequenos nichos para essas introspecções em que se conversa consigo mesmo, em que o silêncio só quer se preencher com a melodia literária, com as dimensões do poético.

A relação entre Biblioteca e Protagonismo é vastíssima. Algumas relações ainda estão para serem inventadas, e certamente serão, nos espaços onde ideias e práticas são bem vindas. Participar ativamente da prosa e da poética do mundo é uma das formas mais potentes de Protagonismo.

A FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

A riqueza e a qualidade dos recursos da Biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis dentro desse espaço. Por este motivo, é de grande

importância dispor de pessoal com boa formação e alta motivação.

Entender como uma Biblioteca é organizada traz independência ao leitor,

para que procure sozinho o livro desejado, ou se for alguém que necessite de auxílio para tal ato, saiba quem procurar na mesma medida que esta pessoa saberá como auxiliar. A ideia é que a Biblioteca da escola forme leitores para serem futuros usuários da Biblioteca Pública, que se sintam à vontade nesse ambiente e que o percebam como fonte contínua de acesso à informação e à cultura.

Principais Atribuições do bibliotecário na Escola da Escolha:

- Elaborar o seu Programa de Ação com os objetivos, metas e resultados a serem atingidos, conforme Plano de Ação da Escola.
- Planejar e executar suas atividades de forma colaborativa e cooperativa.
- Desenvolver o Plano de Atividades da Biblioteca alinhado ao Plano de Ação da Escola.
- Buscar parcerias para o desenvolvimento de projetos e serviços.
- Orientar indicação de acervo específico de acordo com a demanda da escola.
- Incentivar e apoiar as inovações do Modelo, como por exemplo as Práticas e Vivências em Protagonismo e o desenvolvimento do Projeto de Vida dos estudantes.
- Participar das reuniões de planejamento pedagógico, a fim de promover sua própria integração e articulação com as atividades dos demais professores.
- Participar das orientações técnico-pedagógicas relativas à sua atuação na escola e de cursos de formação continuada, conforme apontado em seu

Programa de Ação.

- Desenvolver, acompanhar, avaliar e sistematizar práticas educacionais, estudos, consultas e pesquisas, no âmbito da Biblioteca.
- Atuar em atividades de orientação e apoio aos estudantes, para utilização de recursos de Tecnologia da Informação e Comunicação nas áreas de pesquisa e produção de materiais em mídias digitais.
- Subsidiar e orientar programas de preservação e organização da memória da escola e da história local.
- Incentivar a participação dos professores em atividades pedagógicas na Biblioteca.
- Atuar em parceria com outros profissionais, da Biblioteca Escolar ou não, como forma de garantir a participação dos estudantes com deficiência na rotina desse espaço.
- Coordenar, executar e supervisionar o funcionamento da Biblioteca, cuidando da organização e do controle patrimonial do acervo e das instalações.
- Organizar, na escola, ambientes de leitura alternativos, além do espaço da Biblioteca.
- Promover ações inovadoras, que incentivem a leitura e a construção de canais de acesso a universos culturais mais amplos.
- Orientar a comunidade escolar e local para o conhecimento e valorização da leitura, estimulando a escrita, a criatividade e o senso crítico.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTECA DA ESCOLA

Acessibilidade

As Bibliotecas Escolares, assim como todos os espaços de uso público e coletivo, devem atender ao que propõe o Decreto federal 5296/04, ou seja, deve ser um lugar acessível a todas as pessoas.

A quebra de barreiras físicas deve estar sempre atrelada à quebra das barreiras atitudinais traduzidas, por exemplo, no modo como todos olham e se relacionam com as pessoas com deficiência. Pensando na autonomia do usuário e no local como espaço verdadeiramente democrático de acesso à informação e à cultura, é imprescindível que a Biblioteca seja pensada de acordo com a **ABNT NBR 9050** e os princípios do **Desenho Universal**. Mesmo que a escola não tenha estudantes, professores e funcionários com deficiência, é importante que todos os espaços, inclusive a Biblioteca, estejam prontos para receber esse tipo de usuário.

É fundamental que se atente à importância que a leitura tem para a criança com deficiência e, sempre que possível, se estimule a comunidade escolar, a Associação de Pais e Mestres ou a Biblioteca Pública de sua cidade a se adaptar para acolher a criança e o

jovem com deficiência de modo a contribuir verdadeiramente com o Protagonismo e o empoderamento de todas as crianças e jovens, sem distinção.

A comunicação visual deve ser compreendida por todas as pessoas que compõem a escola, incluindo os estudantes com deficiência, por meio de quadros de avisos e placas de sinalização ou de circulação com textos curtos, letras grandes, acompanhados de símbolos e colocados no nível dos olhos de uma pessoa em cadeira de rodas. Devem ser instalados sinais de alerta com luz para avisar aos usuários surdos de eventuais emergência.

Para que a Biblioteca Escolar seja um portal para a aventura do conhecimento para as pessoas com deficiência, é preciso que seu acesso físico seja sem desníveis ou catracas, que as mesas de seu espaço encaixem cadeiras de rodas, que se promova o acesso virtual (via computador e internet) ao acervo, que se tenha acervo em braile, fitas cassete e CD-ROM, lupas ou lentes de aumento, além da presença de salas de vídeo com televisores com sistema de legendas ocultas para seus usuários surdos (closed caption).

● **ABNT NBR 9050:** norma que regulamenta acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos – www.abnt.org.br.

Desenho Universal: forma de conceber produtos, meios de comunicação e ambientes para serem utilizados por todas as pessoas, o maior tempo possível, sem a necessidade de adaptação, beneficiando pessoas de todas as idades e capacidades.

Espaço Físico

O tamanho sugerido para uma Biblioteca Escolar deve ser pensado de acordo com o número aproximado de leitores que irão utilizá-la, o número de livros já existentes e uma previsão de crescimento.

O espaço da Biblioteca deve ser um ambiente agradável, sinalizado e adequado para acomodar o mobiliário, o acervo, o espaço para pesquisa, leitura e cantos temáticos, bem como para a promoção de eventos relacionados aos projetos desenvolvidos na escola para aproximar a comunidade escolar do ambiente literário.

É importante lembrar de cuidar de fatores ambientais, como acessibilidade física, iluminação, temperatura, acústica e cores. Atenção especial às cores, pois algumas hiperestimulam as crianças e os jovens, o que dificulta o convívio na Biblioteca.

As seguintes **considerações** devem ser analisadas no processo de planejamento de organização da Biblioteca:

- a) As paredes podem ser coloridas, porém em tons claros, pois isso contribui para refletir a luz e aumentar o grau de visibilidade. As janelas devem permitir a entrada de luz natural.
- b) Os livros devem ficar em local arejado e com pouca incidência do sol.
- c) O piso deve ser de material resistente e de fácil manutenção e limpeza.
- d) Lâmpadas fluorescentes são as mais indicadas, não só pela economia de energia, mas porque têm baixo poder de aquecimento e causam menos danos ao acervo.
- e) Para facilitar o controle e a circulação do público, a Biblioteca deve ter somente uma entrada, que deve ser acessível

a pessoas idosas e com deficiência.

- f) Localização central, preferencialmente em piso térreo.
- g) Acessibilidade e proximidade, ficando perto das salas de aula.
- h) Dimensão adequada, possibilitando espaço para livros de ficção, não ficção, de diferentes formatos e para diferentes faixas etárias, conforme o público ao qual se destina, audiobooks, livros em Braille, jornais e revistas, almoxarifado, mesas de estudo, áreas de leitura, postos de pesquisa com computadores, áreas informais e um balcão de atendimento.
- i) Espaço para estudos com conjuntos de mesas para pequenos grupos, grandes grupos e uma turma inteira em situação de aula formal e que garanta a participação, por exemplo, de alunos com cadeiras de rodas.
- j) Espaço para a produção de trabalho em grupo, inclusive para acesso a equipamentos multimídia.
- k) Espaço para a equipe administrativa com balcão de empréstimo e trabalho.
- l) Equipamentos específicos para pessoas com deficiência, como programas para leitura de telas, entre outros.
- m) Espaço flexível, que permita a multiplicidade das atividades e futuras alterações.

Mobiliário

Uma Biblioteca Escolar bem equipada deve apresentar as seguintes características:

- a) Segurança.
- b) Concepção que permita acomodar mobiliário durável e funcional, proporcionando espaços específicos.
- c) Concepção que corresponda às necessidades específicas da comunidade

escolar, como a presença de alunos, professores ou funcionários com alguma deficiência.

d) Concepção que se ajuste às mudanças nos programas da Biblioteca, na gestão curricular da escola, bem como às inovações tecnológicas (áudio, vídeo, multimídia).

e) Estrutura e gestão que proporcionem acesso equitativo e oportuno a um acervo organizado e diversificado.

f) Incluir sinalizações claras e acessíveis.

Para que a Biblioteca se torne um local onde se queira ficar, é preciso que haja espaços para sofás e poltronas confortáveis e grandes almofadas, para que o leitor possa confortavelmente escolher como melhor desfrutar da leitura. Quanto mais confortável ele estiver, mais em casa se sentirá e com o passar do tempo a Biblioteca se tornará um local de referência pessoal.

Sinalização

Deve ser pensada cuidadosamente para que o usuário tenha o máximo de autonomia possível. Recomendamos que as normas da ABNT 9050 e os princípios do desenho universal sejam considerados. É importante levar em conta a faixa etária dos estudantes, adequando a sinalização ao seu campo de visão. A Biblioteca, sendo um espaço de acesso à informação, deve ser um exemplo.

a) Externa: Ajuda no acesso à Biblioteca, além de posicioná-la como espaço relevante dentre os outros ambientes da escola.

b) Interna: Deve estar estrategicamente posicionada na entrada, de forma a rapidamente orientar os usuários em como acessar os serviços oferecidos, informações sobre atendimento, ativi-

dades agendadas, regulamento, espaço para estudo etc.

c) Técnica: Identificação das estantes e livros para rápida localização pelos usuários.

Horário de Funcionamento

Uma Biblioteca Escolar aberta em período integral, durante as férias escolares, nos fins de semana, feriados, à qual a comunidade escolar e do entorno tenha acesso para desfrutar de uma boa leitura é o cenário ideal. Sabendo das dificuldades enfrentadas pelas escolas hoje, sugerimos que a Biblioteca ofereça um amplo horário e que permaneça aberta o maior tempo possível.

Regulamento

É essencial um regulamento que oriente sua comunidade, que seja claro e divulgado em locais de grande circulação. Perceber a importância de seguir o Regulamento da Biblioteca Escolar ajuda a formar futuros usuários de Bibliotecas Públicas. Mas é importante ressaltar que o que forma um usuário de Biblioteca é o fato de ele ter adquirido a cultura leitora. Portanto, é preciso cuidar para que o regulamento não se torne um entrave burocrático, que dificulte o acesso dos usuários e a qualidade das relações entre os leitores.

Recomenda-se que se considerem especificidades sobre o empréstimo de títulos aos estudantes com deficiência.

Processamento Técnico

Para que os usuários da Biblioteca Escolar tenham acesso aos livros que

buscam, é necessário que eles estejam organizados tecnicamente nas estantes por um profissional habilitado. É essa organização que proporcionará agilidade e rapidez na busca pelo livro, revista ou qualquer outra informação de que se necessite.

Gestão do Acervo, Usuário e Empréstimos

É aconselhável que a Biblioteca mantenha a gestão do acervo, empréstimos e usuários eletronicamente. Caso a Biblioteca não tenha uma plataforma de gestão própria, sugere-se o software livre para a gestão eletrônica da Biblioteca BIBLIVRE, que comporta pequenas, médias e grandes Bibliotecas.

O programa tem como objetivo informatizar Bibliotecas dos mais variados portes e propiciar a comunicação entre elas. O programa enfatiza as rotinas e sub-rotinas dos principais procedimentos realizados em Bibliotecas, tais como: a pesquisa, a circulação mediante o controle do acesso para consulta, a reserva, o empréstimo e a devolução de exemplares do acervo, a catalogação de material bibliográfico, de multimídias e objetos digitais, inclusive com controle de autoridades e de vocabulário, além da rotina de controle do processo de aquisição de novos itens para o acervo. Há uma relação de relatórios pré-formatados disponíveis para impressão ou gravação de arquivos gerados pelo sistema. Além disso, a catalogação de livros é facilitada por um dispositivo que possibilita a inserção de dados a partir do acesso ao catálogo online da Fundação Biblioteca Nacional.

A Biblioteca Digital

Hoje, com a disseminação da internet e novas formas de acessar o livro, além de seu estado físico, encontram-se, em formato digital gratuito, livros raros ou localizados em outras partes do mundo.

Um bom exemplo de como isso funciona no Brasil é o site da Biblioteca Nacional sem Fronteiras, que dá acesso a um programa que objetiva democratizar o acervo da Biblioteca Nacional, composto de coleções digitais temáticas, com foco nas diferentes áreas de atuação da organização e, em especial, seus tesouros. É possível, também, visualizar obras digitalizadas em alta resolução e fazer pesquisas por palavras nos documentos.

Acervo

O acervo de uma Biblioteca pode ser constituído por diferentes tipos de material (livros, periódicos, CDs, DVDs etc.).

Para que o acervo atenda à demanda de seu público, é importante entender a comunidade escolar (estudantes, pais, funcionários, educadores), suas necessidades e suas especificidades. Além disso, a seleção e atualização do acervo devem estar alinhadas com a política de ensino da instituição.

Para uma Escola de Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, o ICE recomenda a aquisição de um acervo específico voltado para o aprofundamento das temáticas inerentes ao entendimento dos princípios e conceitos da Escola da Escolha, assim como suas metodologias. A bibliografia está disponível ao final de cada Caderno que compõe este material formativo.

Referências Bibliográficas

- ADRIANO, Reni. **Confiar no texto, habitar os livros: boas práticas de leitura em bibliotecas comunitárias**. São Paulo, Instituto Ecofuturo, 2014.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas Entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Alexandre Morales.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **As razões do direito à literatura**. São Paulo, Movimento por um Brasil Literário, 2012. Disponível em: <http://www2.brasilliterario.org.br/pt/noticias/reportagens/as-razoes-do-direito-literatura>
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro, Ouro sobre o azul; São Paulo, Duas Cidades, 2004.
- COSTA, Cristiane. **Por uma ideia de literatura expandida**. Rio de Janeiro, O Globo, Caderno Prosa on line, 18-06-2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/06/18/artigo-por-uma-ideia-de-literatura-expandida-387143.asp> (Acesso em 23-10-2014)
- COUTINHO, Diana e MENDONÇA, Rosane (Direção de edição). **Leitura e Escrita para Todos: reflexões sobre a política de promoção da leitura no Brasil**. Brasília, Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), 2014. Disponível em: <http://ecofuturo.org.br/files?path=content/pdf/2b13e1c8c0d1500b0ec9516de3312e4c6082c0c0.pdf>
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo, 34, 2011. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.
- GOLDIN, Daniel. **Os Livros e os Dias: divagações sobre a hospitalidade da leitura**. São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Carmem Cacciaccarro.
- GUILAYN, Priscila. **Em Madri, instituto com acervo digital busca formar leitores**. Rio de Janeiro, O Globo, Caderno Prosa On Line, 02-02-2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/02/01/em-madri-instituto-com-acervo-digital-busca-formar-leitores-484785.asp> (Acesso em 23-10-2014)
- IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Educação inclusiva : o que o professor tem a ver com isso?** / Marta Gil, coordenação ; texto de apresentação do Prof. Hubert Alquéres. - São Paulo : Ashoka Brasil, 2005.
- LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo, Ática, 2002, 6ª edição.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Nota sobre a experiência e o saber de experiência**. Campinas, Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19.
- MANGUEL, Alberto. **A Cidade das Palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 1ª edição. Tradução: Samuel Titan Jr.

- OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **O Professor de Português e a Literatura – Relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino.** São Paulo, Alameda, 2013, 1ª edição.

- PAIVA, Aparecida (Org.). **Literatura Fora da Caixa: O PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura.** São Paulo, UNESP, 2012, 1ª edição.

- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira.** São Paulo, Cosac Naify, 2012, 1ª edição. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht.

- PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação.** Belo Horizonte, Autêntica, 2006. 1ª edição.

- PETIT, Michèle. **A Arte de Ler – ou como resistir à adversidade.** São Paulo, 34, 2012, 2ª edição. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini.

_____. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo, 34, 2010, 2ª edição. Tradução: Celina Olga de Souza.

- REYES, Yolanda. **Ler e Brincar, Tecer, Cantar – Literatura, escrita e educação.** São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Rodrigo Petronio.

_____. **“Los cimientos de la casa imaginaria: poética y política em la primera infancia”.** Bogotá, 2009. Disponível em: [http://espantapajaros.com/2010/](http://espantapajaros.com/2010/04/los-cimientos-de-la-casa-imaginaria-potica-y-politica-en-la-primera-infancia/)

04/los-cimientos-de-la-casa-imaginaria-potica-y-politica-en-la-primera-infancia/

- SÃO PAULO (ESTADO). Ministério Público. **Guia prático: o direito de todos à educação: diálogo com os Promotores de Justiça do Estado de São Paulo/Ministério do Estado de São Paulo –** São Paulo: MP-SP, 2011

- SCHWARTZ, Gilson. **Brinco, logo aprendo: educação, videogames e moralidades pós-modernas.** São Paulo, Paulus, 2014.

- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo.** Rio de Janeiro, DIFEL, 2009, 1ª edição. Tradução: Caio Meira.

- TURCI, Fabiana (Org.). **História Íntima da Leitura.** São Paulo, Vagamundo, 2012, 1ª edição.

- ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura.** São Paulo, Cosac Naify, 2017, 2ª edição. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação

PRESIDENTE

Marcos Antônio Magalhães

EQUIPE DE DIREÇÃO

Alberto Chinen

Juliana Zimmerman

Thereza Barreto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização: Juliana Zimmerman

Coordenação: Liane Muniz Assessoria e Consultoria

Supervisão de Conteúdo: Thereza Barreto

Redação: José Gayoso, Juliana Zimmerman, Maria Betânia Ferreira, Maria Helena Braga, Regina Lima, Reni Adriano, Romilda Santana, Thereza Barreto

Leitura crítica: Alberto Chinen, Elizane Mecena, Reni Adriano, Maria Helena Braga

Edição de texto: Leandro Nomura

Revisão ortográfica: Dulce Maria Fernandes Carvalho, Álvaro Vinícius Duarte e Danielle Nascimento

Projeto Gráfico: Axis Idea

Diagramação: Axis Idea e Kora Design

Fotógrafa: Kriz Knack

Agradecimento pelas imagens cedidas: Thereza Barreto; Ginásio Pernambucano; Escola Estadual Prefeito Nestor de Camargo; Centro de Ensino Experimental de Arcoverde.

APOIO

Instituto Natura

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
JCPM Trade Center
Av. Engenheiro Antônio de Góes, 60 - Pina | Sala 1702
CEP: 51010-000 | Recife, PE
Tel: 55 81 3327 8582
www.icebrasil.org.br
icebrasil@icebrasil.org.br

1ª Edição | 2015

© Copyright 2015 - Instituto de Corresponsabilidade pela Educação.
"Todos os direitos reservados"

